



Não Há Vozes
Não Há Prantos

Mário
de Carvalho

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.

Av. de António José de Almeida

1000-042 Lisboa

www.incm.pt

www.facebook.com/INCM.Livros

editorial.apoiocliente@incm.pt

© *Sociedade Portuguesa de Autores*
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Título: Não Há Vozes Não Há Prantos

Autor: Mário de Carvalho

Concepção gráfica: INCM

Capa: Elisabete Gomes | Silvadesigners

Revisão do texto: INCM

Tiragem: 1000 exemplares

Edição: Maio de 2012

ISBN: 978-972-27-2066-3

Depósito legal: 342 274/12

Edição n.º 1018760

Co-edição Sociedade Portuguesa de Autores/Imprensa Nacional-Casa da Moeda



Não Há Vozes
Não Há Prantos

Mário
de Carvalho



NOTA

Esta peça foi levada à cena em 30 de Novembro de 2011 pelo grupo de teatro A Barraca, com o título *Rumor*.

Encenação: Maria do Céu Guerra.

Direção plástica: José Costa Reis.

Elenco: João d'Ávila, Jorge Gomes Ribeiro, Paula Guedes, Rita Fernandes, Ruben Garcia, Sérgio Moras e Vânia Naia.

**NÃO HÁ VOZES
NÃO HÁ PRANTOS**

NÃO HÁ VOZES NÃO HÁ PRANTOS

Terraço da casa de Antímio, numa cidade indeterminada de um tempo indeterminado, de uma vaga antiguidade, porventura oriental. O terraço, a que se acede por uma escada de pedra, dá para os telhados da cidade que não tem que se ver. Acima, à direita, na escuridão longínqua da montanha, uma fieira de luzes indica o palácio.

Um pouco acima do terraço, e interpondo-se, em parte, entre os circunstantes e o palácio, um pequeno pátio com uma árvore, ou um belvedere coberto, onde os jovens Frineia e Filates intermitentemente namoram.

Confraternizando, sentados ou reclinados encontram-se: Antímio, antigo contabilista do palácio, Roxana, sua mulher, Rópico, um comerciante, e a mulher deste, Cíntia.

Frineia, filha do anfitrião, e o jovem Filates estão à parte, mais interessados um no outro que na acção dos mais velhos, mas ao alcance da voz.

ANTÍMIO — Filhos e meus amigos. A noite está macia, a cidade tranquila, os ares brandos. Já bebemos à saúde de todos. Somos súbditos cumpridores,

p. 43 = 61
que respeitam e se fazem respeitar, tementes aos
deuses...

RÓPICO — E ao imperador...

ANTÍMIO — ... tementes aos deuses e a Ariman, nosso excelso imperador, a quem muito devemos. Resta-nos continuar até de madrugada, nesta doce convivência. Cada instante de felicidade não impede — mas atrasa — os infortúnios do destino.

RÓPICO — Ainda não brindámos ao divino imperador.

ROXANA — Estava incluído nos nossos votos.

RÓPICO — Não nos dirigimos — insisto — em especial, ao nosso egrégio príncipe.

ANTÍMIO — Era o que eu ia dizer a seguir.

ANTÍMIO e ROXANA (*erguendo as taças*) — Ao nosso divino imperador Ariman.

(*Todos levantam as taças excepto Filates.*)

ANTÍMIO — Supremo árbitro, entre o bem e o mal, o justo e o injusto, que tanto engrandeceu a pátria.

ROXANA — Que irradia a luz da sua imagem e santifica tudo aquilo em que toca.

RÓPICO — Que nos enche a alma de orgulho e gratidão apenas por sabermos que ele está lá (*aponta para o palácio*) e vela por nós.

CÍNTIA — Que nos cobre de favores, e nos deixa viver.

ANTÍMIO — Sim, consente que nós vivamos.

FILATES — Não a todos.

ANTÍMIO — Consente que nós vivamos, podendo impedi-lo. E, portanto, devemos-lhe a vida. Não o esqueças, Filates.

FILATES — A vida? Também não esqueço uma morte que lhe devo...

ANTÍMIO (*interrompendo*) — Vá lá, vá lá... ao nosso imperador. Ao nosso querido Ariman!

TODOS — Ao excelso Ariman!

(*Todos, à exceção de Filates, apontam as taças, mais uma vez, para o palácio distante.*)

ANTÍMIO — A sorte desta cidade, e a destes moradores e destes amigos e destas famílias e destes jovens, é serem governados e protegidos pelo nosso insigne Ariman.

Magnífico príncipe!

Sem desprimor dos outros, claro, que certamente não foi por acaso que a divindade os escolheu.

ROXANA — Também, os escolheu.

RÓPICO — Mesmo Filágon?

ANTÍMIO — Não! Esse é uma excepção negregada. Um inimigo do nosso Ariman não pertence à estirpe dos soberanos venerandos. Ele limita-se a rastejar nas alfurjas do Mal, proferindo ameaças e vitupérios. Como é que se pode? Deus! Como é que se pode!?

TODOS (*adlib*) — Muito bem, com certeza.

FILATES — Antímio, eu sou um jovem e teu hóspede esta noite. Mas deixa-me lembrar-te uma verdade: o tempo muda as coisas e os homens. Mas as palavras, uma vez proferidas, não podem ser mudadas.

RÓPICO — Que sabes tu?

ANTÍMIO — Vai, jovem, vai namorar.

RÓPICO — Mas não te escondas.

FRINEIA — Vem, Filates.

ANTÍMIO — Meus amigos, este vinho é um maravilhoso néctar.

FILATES — Atenção, o que eu queria dizer, precisamente, é que as palavras ditas são o vinho tirado: não volta para a ânfora.

FRINEIA — Pronto, Filates, vem.

ANTÍMIO — É um maravilhoso néctar, dizia eu, mas não é um néctar de deuses. São uvas da Cólquida,

envelhecidas em ânforas de barro especial, sigilado, da Cirenaica. Mas não foram fabricadas para Deuses, não. Foi para a minha mesa e de outros como eu, simples humanos, embora favorecidos.

RÓPICO — Os deuses talvez o não desdenhassem.

ANTÍMIO — Desdenhavam sim, meu bom Rópico, por favor, não blasfemes. O vinho que se bebe à minha mesa não é acessível à maior parte dos que habitam nesta cidade (*designa a cidade*), mas não pode comparar-se à excelência divinal do que se bebe ali (*designa o palácio*).

CÍNTIA — Ah, sim, ao divino Ariman só pode caber o melhor entre os melhores.

ANTÍMIO — Perante ele (*designa o palácio*), inclino-me! A eles (*designa a cidade*), olho-os naturalmente, de cima e com desdém. Fui escriba daquele palácio durante mais de vinte anos. Algum pó de púrpura caiu sobre mim. Um dia, Ariman chamou-me à sua câmara e eu fiquei transido de medo. Atravessei corredores e corredores, passei por pesadíssimos reposteiros, pela guarda pretoriana, eriçada de armas, pelos guardas germânicos, de armaduras rebrilhantes, e o divino Ariman esperava-me assim, direito, entre duas estátuas de pórfiro, sentado a uma mesa embutida de ágatas.